

ARTIGOS

A LEITURA CRISTOCÊNTRICA DO ANTIGO TESTAMENTO: UMA ANÁLISE DE COLOSSENSES 1:13-20

Rodrigo P. Silva, Th.D.

Professor de Novo Testamento do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
rodrigo.silva@unasp.edu.br

Resumo: Alguns acadêmicos minimalistas têm sugerido que os primeiros teólogos do Cristianismo, com severo acento em Paulo, forjaram uma hermenêutica artificial e anti-semita do gênio da literatura hebraica. Logo, teriam forçado o Antigo Testamento a emitir conceitos, sobretudo cristológicos, que jamais poderiam ter sido aceitos por seus autores originais. No entanto, uma atenta verificação das várias escolas interpretativas do primeiro século, apontam que essa leitura enfaticamente messiânica ou cristocêntrica das Escrituras Hebraicas não era característica única dos primeiros cristãos. Neste trabalho, analiso brevemente uma dessas muitas aproximações cristológicas do Antigo Testamento, tomando por base o texto grego de Colossenses 1:13-20.

Palavras-chave: Cristologia, Novo Testamento, Hermenêutica.

INTRODUÇÃO

As modernas leituras e releituras da História têm proporcionado uma continuidade e uma descontinuidade, ao mesmo tempo, em relação à nossa aproximação da Bíblia Sagrada. Trata-se da forma como os destinatários imediatos receberam essas Escrituras e como nós, muitas vezes, as lemos hoje em dia.

Dizemos “continuidade”, porque a exegese bíblica revela-se uma teologia em constante projeto. Ou seja, estamos sempre avançando em nosso conhecimento acerca da Palavra de Deus. Jamais haverá época em que não existam novidades a serem exploradas. Não obstante, é claro que tais verdades não devem contradizer marcos já estabelecidos e dos quais não se pode prescindir. A Teologia Bíblica, portanto, da mesma forma que é expansível, constitui-se, em alguns aspectos, um saber irredutível, pois não podemos abrir mão das verdades trazidas pela Revelação divina.

Ademais, o exegeta nunca deve olvidar o fato de que cada passagem do Antigo e do Novo Testamento possui um contexto (*Sitz im Leben*), que a antecede e envolve. Em termos de “método”, torna-se necessário dizer que somente depois de descobrir qual é esse contexto, é que estamos realmente aptos para entender o seu alcance teológico até os nossos dias.

A “descontinuidade”, por sua vez, aparece no choque que nossa mentalidade moderna sofre ao deparar-se com a hermenêutica dos primeiros exegetas do Cristianismo. À primeira vista, dá-se a impressão que eles estariam forçando passagens do Antigo Testamento a um contexto cristológico que, originalmente, não fazia parte de seu conteúdo e propósitos iniciais.

Noutras palavras, não estaria na mente do profeta vétero-testamentário predizer aquilo que o autor do Novo Testamento disse que ele previu. Exemplos disto podem ser vistos nas citações mateanas dos profetas em relação a Cristo: os textos de Isaías 7:14; Oséias 11:1 e Jeremias 31:15, todos citados no início do Evangelho, não parecem, em princípio, aludir ao Messias. Antes, parecem passagens distorcidas que foram “cristianizadas” pelo evangelista. E esse é um argumento muito utilizado por biblistas da linha minimalista¹.

A conclusão sustentada por estes acadêmicos seria a de que os primeiros teólogos do Cristianismo, com severo acento em Paulo, forjaram uma hermenêutica artificial e anti-semita do gênio da literatura hebraica. Logo, teriam forçado o Antigo Testamento a emitir conceitos, sobretudo cristológicos, que jamais poderiam ter sido aceitos por seus autores originais.



Nada, porém, estaria mais longe de ser autêntico. O Antigo Testamento era o padrão teológico da Igreja primitiva e eles o liam com o mesmo respeito hermenêutico que o mais conservador dos líderes judeus². Conforme nos lembra R. Greer, "os escritores do Novo Testamento assumem a autoridade da Bíblia hebraica e fazem uso dela não somente na citação de textos, mas ainda no uso de suas categorias para expor a Cristo e sua importância. Muitos outros cristãos tiveram a mesma aproximação e até mesmo os cristãos gnósticos foram obrigados a interpretar a Bíblia hebraica..."³.

Uma atenta verificação das várias escolas interpretativas do primeiro século, mostram que essa leitura enfaticamente messiânica ou cristocêntrica das Escrituras Hebraicas não era característica única dos primeiros cristãos⁴. O mesmo comportamento pode ser visto em exegetas de outros ramos do Judaísmo, especialmente nos escritos dos rabinos e da comunidade de Qumran⁵.

1. CRISTO COMO CENTRO DAS ESCRITURAS

A cristologia ou "messianismo"⁶, ao que tudo indica, foi a chave interpretativa dos textos hebraicos tanto para os cristãos primitivos quanto para os judeus do primeiro século⁷. Afinal, o que são os evangelhos e epístolas senão apologias dirigidas aos judeus com o fim de "provar" que o homem Jesus cumpriu as profecias da antiga aliança?

Além disso, vale lembrar que não é ainda um ponto pacífico e indubitável afirmar que o "apocalipsismo" messiânico estivesse em total declínio na mentalidade popular da época. Pelo contrário, há fortes indícios de que os judeus tinham uma grande expectativa pela vinda do Messias, que os livraria dos romanos e faria de Jerusalém a capital dos novos tempos⁸. Logo, é bem provável que tal clima influenciava sua aproximação das Escrituras numa atmosfera tão messiânica como aquela demonstrada pelos autores cristãos⁹.

Neste trabalho, analisaremos brevemente uma dessas muitas aproximações cristológicas do Antigo Testamento. Tomaremos por base o texto grego de Colossenses 1:13-20 que, embora controverso quanto a autoria, faz parte tradicional do Corpus Paulino. Vejamos a perícopé conforme a tradução de Almeida, revisada:

13 e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado;
14 em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados;
15 o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
16 porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele.
17 Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas;
18 também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,
19 porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude,
20 e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.

O que encontramos aqui é uma clara leitura cristocêntrica do Gênesis. Os judeus chamavam esta dinâmica hermenêutica de Midrash, cujo intento era justamente retirar valores, sobretudo messiânicos, de conhecidos textos da Sagrada Escritura¹⁰.

Os versos 13 e 14 parecem funcionar como um título remissivo do que se seguirá. Eles dão a impressão de que o autor resumirá ou parafraseará, em linguagem messiânica, todo o relato da criação e queda humana, traçando uma ponte entre o pecado adâmico e a redenção oferecida pelo Filho de Deus. Ou seja, um link hermenêutico desde o Éden até ao Calvário, com uma leve referência à remissão final.

"Ele nos libertou do império das trevas" – uma clara evocação do primeiro elemento criativo: "a luz" com a conseguinte separação das trevas. A seguir, o que é luz no Gênesis torna-se "o reino do filho do seu amor" em Colossenses. E a alusão à cruz vem na conclusiva declaração de fé: "no qual temos a remissão dos pecados".



Porém, o que esperávamos ser uma analogia do relato das origens, acaba sendo abruptamente interrompido por uma série de adjetivos atribuídos ao Filho de Deus. A concatenação das palavras parece sugerir que, embora o autor não se empenhe num exercício targúnico, pois está escrevendo em grego e não em aramaico, ele empreende uma espécie de tradução parafrástica de Gênesis 1:1.

O processo utilizado seria o de esgotar ao máximo os possíveis sentidos semânticos do texto hebraico para o grego. Talvez uma forma literária de tentar equiparar a riqueza das duas línguas ou, ainda, exaltar o hebraico como língua superior uma vez que esta precisará de apenas um vocábulo para expressar uma idéia messiânica. Enquanto que grego pressupõe uma pluralidade de sinônimos para abarcar, de modo não tão perfeito, a mesma verdade doutrinária.

Ora, é evidente que este “patriotismo idiomático” está longe de ser uma verdade gramatical quando comparamos a pobreza de vocabulário do paleo-hebraico com a riqueza vocabular de outras línguas, especialmente a grega. No entanto, o que nos interessa aqui será ver como o cristocêntrismo exegético direciona a leitura paulina do Gênesis.

2. ANÁLISE MORFOLÓGICA DE GÊNESIS 1:1

A primeira palavra que aparece na frase inicial do Gênesis não é um substantivo ou um verbo, mas curiosamente uma preposição inseparável (*b^e*)¹¹. Dependendo do contexto, esta preposição pode adquirir uma ampla gama de sentidos, como: “em, a, para, por e com”. Em se tratando do correspondente grego, ela equivaleria às invariáveis *en* (em), *eis* (a, para), *diá* (através de), *prós* (com), *syn* (com) e *upó* (por meio de)¹².

No texto de Colossenses, Paulo faz amplo uso destes equivalentes gregos da preposição hebraica e procura aplicar todos à pessoa de Cristo para evidenciar o caráter cristocêntrico de sua hermenêutica.

O texto inicia dizendo que Deus nos transporta “para” (*eis*) o reino de seu Filho (v. 13). A seguir, declara que é “no” (*en hō*) Filho que temos a redenção e remissão (v.14). Então, a partir do verso 16 até o 20, alude à criação de um modo ainda mais centralizado na figura de Cristo, a saber:

“‘Nele’ (*en autō*) foram criadas todas as coisas ...”.

“‘Tudo foi criado ‘por meio dele’ (*di’ autou*) e ‘para ele’ (*eis auton*)”.

“‘Nele’ (*en autós*) tudo subsiste.”

“...para ‘em todas as coisas’ ter [ele] a primazia” – aqui a frase original segue apontando a preposição para a pessoa de Cristo. Lit.: “... e as coisas todas ‘nele’ (*en autōi*) têm sido formadas”.

“Porque aprovou Deus que ‘nele’ (*en autōi*) residisse toda a plenitude.”

Novamente voltamos à estrutura original para citar o verso 20 que diz: “... e ‘por meio dele’ (*di’ autou*) reconciliou todas as coisas ‘para ele’ (*eis auton*)...”

“...fazendo a paz por meio do sangue da cruz ‘dele’ (*dia ... autou*)”.

Os mss p46, Alef, A, C, D1 e outros ainda trazem um último aceno preposicional à pessoa de Cristo no final do verso 20: “... ‘por meio dele’ (*di’ autou*) [fiquem reconciliadas] quer sejam as (coisas) sobre a terra quer sejam as coisas nos céus.”

Chama-nos ainda a atenção, a ênfase dada a Cristo como pessoa ativa da divindade criadora. Note-se a insistência do autor em ligar, quase sempre, as preposições ao pronome pessoal “ele” (*autós*). Isto nos leva a sugerir as seguintes paráfrases midrásticas que o escritor teria em mente ao ler Gênesis 1:1:

“‘Através’ do princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Pelo’ princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Nele’ (*en auto*), o princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Para’ o princípio, criou Deus o céu e a Terra”.

“‘Com’ o princípio, criou Deus o céus e a Terra” – idéia inferida da negativa “‘sem ele’ nada do que foi feito se fez”.



3. PERSONIFICAÇÃO PAULINA DO “PRINCÍPIO”

Esta apresentação morfológica de Colossenses inspira uma releitura de Gênesis 1:1, que personifica a expressão “no princípio”. Não que o autor despreze a dimensão temporal do hebraico, mas ele personifica aquilo que para a maioria dos leitores seria apenas um tempo abstrato. Aliás, tal abstração do tempo era uma noção grega advinda através do helenismo e não uma herança hebraica.

Para o gênio da antiga religião dos hebreus, não havia abstracionismos. Tudo era concreto, inclusive o tempo. E que maneira melhor havia de concretizar o tempo senão através da pessoa do Messias? É através de Cristo, cognominado “princípio”, que todas as coisas foram criadas.

João também exporia o mesmo conceito, anos mais tarde, ao introduzir seu evangelho dizendo que este “no princípio” “era” o Verbo (Jo 1:1). Note que, a despeito do sentido de permanência que pode ser lido no original do prólogo (equivalência entre *ên* e “estar”), é muito pertinente a idéia de identificação: “O ‘no princípio’ [de Gênesis] era o Verbo”.

A prova maior disto está em que mais abaixo, ao apresentar a permanência de Cristo com o Pai, João utiliza outra estrutura grega: “... e o Verbo ‘estava com’ Deus” (*ên pros* e não apenas *ên*). Depois, ao voltar para o tom identificador, ele repete a mesma seqüência do enunciado: “e Deus ‘era’ (*ên*) o Verbo”. O Verbo, pois, não se limitava a estar no princípio de tudo, ele era o próprio princípio¹³.

Quando nos aproximamos do substantivo hebraico *rē’shīt* (princípio), sua multiplicidade de idéias nos faz entender melhor a aplicação dos diversos adjetivos gregos apontados pela perícopa a Cristo. Para melhor sistematização, recordamos que *rē’shīt* é um substantivo feminino, derivado da raiz *rō’sh* que aparece em aproximadamente todas as partes do Antigo Testamento com os seguintes significados¹⁴:

Cabeça (parte física do corpo ou chefe de grupo) = Gênesis 3:15, Êxodo 6:14; 12:9; Números 31:26; Zacarias 4:7.

Primeiro = Isaías 9:1; Ezequiel 20:40.

Princípio = Gênesis 10:10; Provérbios 8:23; Eclesiastes 3:11.

Primogênito ([por inferência] relativo às primícias. Correlato de *nābar*)¹⁵ = Levítico 2:12; 23:10; Neemias 12:44.

Preeminência = Números 18:12; Daniel 11:41.

Com base neste vocabulário disponível, o autor da epístola alista os elementos qualificativos de Cristo, aplicando-os, agora, a uma nova dimensão eclesiológica (versos 17 e 18):

“Ele é antes [i.e. o ‘primeiro’] de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,” (grifo nosso)

Note que nos verbetes assinalados temos explícita a correlação dos possíveis sentidos de *rē’shīt* à pessoa de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

O fechamento da perícopa possui outra estrutura bastante significativa. A aplicação final dos versos 19 e 20 volta-se para uma soteriologia tão cristocêntrica quanto a criação antes apontada. Por meio da reconciliação, quebraram-se finalmente as barreiras de separação entre Deus e a humanidade.

Mas, uma ênfase última ainda é dada por meio de uma mescla de referências ao Pai e Filho. A unidade divina é aqui ressaltada. É dito que aprouve a Deus que residisse no Filho toda a plenitude. Contudo, o autor deixa em aberto para a imaginação de quem lê, a plenitude que está se referindo. Plenitude salvífica? Plenitude da divindade? Ambas? Os temas aferidos nos versos anteriores parecem indicar o “tudo universal”.

Noutras palavras, Cristo deve ser o primeiro em todas as coisas, na criação, na redenção, na eclesiológica e nas reflexões teológicas. O último verso ganha um tom ainda mais



enfático: o universo, isto é, “o todo” existe e se reconcilia com Deus, apenas por causa de Cristo.

É bem provável que seja este o ponto faltante em muitas reflexões e releituras da atualidade, e, talvez aqui, resida a maior contribuição desta perícopa. Toda a busca racional, especialmente o saber da Fé, deve ter a Segunda Pessoa da divindade como centro e como ponto de partida. Não que o cristocentrismo exclua as demais leituras e reflexões da teologia bíblica, porém, ele as coloca no seu devido lugar, impedindo uma perda de objetivo ou um enaltecimento além daquele que lhes convém.

Portanto, as teologias genitivas a partir do pobre, da mulher, do negro, do excluído, etc. ou mesmo as leituras estruturalistas, discursivas e contextualizadoras das Escrituras, deveriam ser, segundo Paulo, **teologias a partir de Cristo** que incluam as necessidades modernas, mas não as torne o centro da reflexão. Sem a figura de Cristo, todo saber teológico se resumiria a uma poluição sonora, cheia de ruídos irritantes que não trazem nenhum significado.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Para uma visão dos estudos gerais a este respeito veja: Coleman, R. O., “Matthew’s use of the Old Testament”, in *Southwestern Journal of Theology* 5 (1962), pp. 29-39; O’Rourke, “Fulfilment Texts in Matthew” in *Catholic Biblical Quarterly* 24 (1962), pp. 394-403; Gundry R. H., *The Use of the Old Testament in St. Matthew’s Gospel*, Leiden: Brill, 1967.
2. Lindars, S. B., *New Testament Apologetic*, Philadelphia: Westminster, 1961, pp. 216-217.
3. Greer, R. A. e Kugel, J. L., *Early Biblical Interpretation*, Philadelphia: Westminster Press, 1986, p. 126.
4. Vários exemplos de exegeses cristocêntricas ou messiânicas de grupos contemporâneos ao cristianismo primitivo podem ser vista na reunião de vários ensaios de David Flusser que resultaram na obra em três volumes *O Judaísmo e as origens do cristianismo*, [coleção bereshit] Rio de Janeiro: Imago, 2000.
5. Veja alguns exemplos desta exegese em Vanderkan, J. e Flint, P., *The Meaning of Dead Sea Scrolls – Their Significance for Understanding the Bible, Judaism, Jesus and Christianity*, New York: HarperCollins Publishers, 2002, pp. 293-308; Campbell, J. “The Use of Scriptures in the Damascus Document 1-8, 19-20” in *Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 228, Berlin e New York: DeGruyter, 1995.
6. Neste trabalho, o leitor perceberá uma proposital intercambialidade entre os termos “cristologia” e “messianismo”. O sentido será mostrar que tanto cristãos como judeus viviam uma atmosfera altamente messiânica. Afinal, devemos lembrar que os primeiros seguidores do Jesus de Nazaré eram judeus que espelhavam as mesmas expectativas dos seus contemporâneos, ainda que estes últimos não tenham aceitado a Jesus como o Cristo.
7. W. Kaiser argumenta que a promessa messiânica é o foco central do pacto de Deus com o homem desde o princípio, e o papel principal dos escritores do Novo Testamento foi reconhecer Jesus Cristo como o cumprimento de todas as modalidades desta antiga aliança. C.f. Kaiser, W. C., *Toward an Old Testament Theology*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1978, pp.12,14, 32 - 35. Vide ainda Manson T. W., *The Servant Messiah*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1953, veja o cap. I sobre a natureza da esperança messiânica nos salmos de Salomão (Salmo 8 e 17); Longenecker, R., *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*, Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1977 p. 29.
8. Price, R. *Secrets of Dead Sea Scrolls*, Eugene: Oregon, 1996, p. 298; Ferch, A. J., “The Two Aeons and the Messiah in Pseudo-Philo, 4 Ezra, and 2 Baruch” in *Andrews University Seminary Studies* (2/1977) pp. 135 - 151.
9. Veja como claro exemplo a exegese emergente dos textos de Qumran. Sua leitura messiânica do Pentateuco, por exemplo, compara Moisés como tipo histórico do Profeta Escatológico (anunciador do Messias?) e Arão e Israel como símbolos perfeitos de dois Messias um procedente do sacerdote outro do povo. É com esta hermenêutica que a *Regra da Comunidade* (IQS IX, 10 e 11) lê Deuterônimo 18, 15 - 18. Sobre este tipo de exegese em Qumran, vide Price, R., op. cit., pp. 239-311; Greer, R. A., op. cit., p. 127; Pouilly, J. *Qumrã [sic]*, São Paulo, Ed. Paulinas, pp. 92 a 97; Barrea, J. T., *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 517 - 520 e 541 - 550 e ainda a controvertida obra de Eisenman, R. e Wise, M., *A Descoberta dos manuscritos do Mar Morto*, São Paul, Ediouro,



1992 p. p. 91 e 92. Para uma tradução dos textos de Qumran, vide Martínez, F. G., *Textos de Qumran*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

¹⁰ Veja Limentani, G., *O Midraxé [sic] como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*, São Paulo: Paulinas 1998, esp. Pp. 13-25; Goulder, M. D., *Midrash and Lection in Matthew*, London: SPCK, 1974; pp; 28-47.

¹¹ A transliteração do hebraico segue conforme a lista de Harris, R. L, Archer, Jr., G. L., Waltke, B. K., *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, pp. xiv-xvii.

¹² A transliteração do grego segue conforme a lista de Rega, L. S., *Noções do grego bíblico*, São Paulo: Vida Nova 1992, p. 3.

¹³ Rienecker, F. e Rogers, C., *Chave lingüística do Novo Testamento grego*, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1988, p.161; Brown, R. *The Anchor Bible: The Gospel According to John*, New York: Doubleday & Company, Inc. 1979, vol. 29, pp.4-5.

¹⁴ c.f. White, W., *rê'shit* in: Harris, L. R., Archer Jr., G. L., Waltke, B. K., op. cit., 1387-1389; König, E., *Hebräisches und aramäisches Wörterbuch zum Alten Testament*, Leipzig, Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, 1922, p. 427; Davidson, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, London:, Samuel Bagster & Sons Ltd., 1967, pp. 671 e 672.

¹⁵ c.f. Wilson, W., *Wilson's Old Testament Word Studies*, McLean, VA: Mac Donald Publishing C. , s.d., p.166.